

A QUESTÃO DA PONTUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O FUNCIONAMENTO DO PONTO E VÍRGULA

Elizangela Cardoso Arrais (UFT)

elizangela.cardoso@hotmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

Neste artigo, estabelecemos relações entre o emprego da pontuação em textos de alunos do 9º do ensino fundamental de uma escola municipal de Colinas do Tocantins e a construção de sentido da escritura efetuada por meio da produção textual nas aulas de língua portuguesa. Para análise recorreremos aos textos produzidos em sala de aula. Partimos do pressuposto de que, em se tratando de uma turma do último ano do ensino fundamental II, os alunos já tenham consciência do uso correto da pontuação. Por meio da análise realizada percebemos que ainda é necessário avançar muito, quando tratamos de pontuação nas escolas, pois, nos textos analisados, só encontramos a ocorrência de vírgulas, que geralmente foram empregadas sinalizando as pausas, de ponto final e de parágrafos. O "ponto e vírgula", que era o principal objeto dessa pesquisa, não foi encontrado em nenhum momento.

Palavras-chave: Pontuação. Produção textual. Ensino.

1. Introdução

É sabido que as escolas utilizam a teoria gramatical como instrumento de aquisição da língua padrão. E muitos professores trabalham a gramática com esse fim, acreditando piamente que é isso que ocorre; porém, esse equívoco da crença na gramática como ferramenta que leva o indivíduo a desenvolver habilidade de leitura e da escrita padrão pode ser caracterizado como um fracasso. Para Mário Alberto Perini (2010, p. 18), “estudar a gramática não leva, nunca levou, ninguém a desenvolver suas habilidades de leitura, escrita ou fala, nem sequer seu conhecimento prático do português padrão escrito”. Em seu livro, Mário Alberto Perini deixa claro que, para se ter habilidades de leitura, escrita ou fala, o caminho mais lógico não é estudar a gramática. Essa questão é bastante polêmica, pois a grande maioria dos professores não está preparada para dar outra explicação para o estudo da gramática nas escolas, talvez por comodismo, pois que é bem mais fácil afirmar que a gramática ajuda o indivíduo a adquirir tais habilidades e, ainda, convencer o interlocutor de que estudar a gramática faz parte da formação científica do aluno e que a cada dia se torna imprescindível o seu ensino.

Em verdade, há a necessidade de se discutir o papel da gramática e o ensino da normatividade gramatical, pois “um dos pontos especialmente em foco é o tratamento da gramática, e o tom das avaliações daquilo que se tem proposto e se tem conseguido é geralmente de crítica e de desolação”. (NEVES, 2014, p. 17)

É preciso que haja consciência, por parte dos educadores, de que a gramática sozinha não irá fornecer meios para se desenvolver um bom conhecimento na língua padrão. Temos, de fato, a gramática normativa concebida como um manual de regras de bom uso da língua a serem seguidos por aqueles que querem se expressar adequadamente – o que é fato, mas não o único fenômeno a ser considerado no trato com a aprendizagem da língua materna.

Neste artigo, o principal objetivo é analisar textos de alunos do 9º ano, de uma escola de bairro de Colinas do Tocantins, como estes alunos estão pontuando seus textos; principalmente no tocante à “vírgula”, ao “ponto e vírgula” e ao “ponto final”, visto que, quando tratamos do “ponto e vírgula” em suas produções, percebemos a sua quase inexistência. Daí, fazemos o seguinte questionamento: se o seu desuso é por não conhecerem as regras que o regem, ou simplesmente por acharem seu uso desnecessário.

Desde muito cedo, nas escolas, ensina-se que o enunciado não se constrói como um amontoado de palavras e orações, e, a partir dessa teoria, surgem vários conceitos para classificar os sinais de pontuação. Os livros didáticos, usados para o ensino da língua materna, trazem conceitos de pontuação, muitas vezes vagos, baseados em concepções da tradição oral, das leituras em voz alta.

Antes, porém, de avançarmos na análise, caracterizemos a turma de alunos e vejamos seus textos.

2. Caracterização da turma, do material e da metodologia: os resumos escritos por estudantes do 9º ano de uma escola municipal de Colinas do Tocantins

A turma é composta por vinte e dois alunos, de faixa etária entre 13 e 16 anos, a maioria desprovida de recursos econômicos. A unidade escolar atende os alunos a partir do 1º ano e segue até o 9º ano, etapa de conclusão do ensino fundamental. Na escola há uma heterogeneidade em se tratando do aspecto cultural dos alunos. Há alunos que só estão na es-

cola por imposição dos pais, não levando os estudos a sério; mas também há alunos que merecem destaque, por procurarem ter um melhor aproveitamento das aulas.

A escola fica localizada em um bairro periférico da cidade e possui um grande problema em seu entorno, pois a quadra da escola é aberta à comunidade, e alguns usuários de drogas ilícitas frequentam a quadra, gerando grandes transtornos. Nos horários de saídas dos alunos, principalmente no turno matutino, é comum encontrar adolescentes usuários na porta da escola, sendo que, frequentemente, a Polícia Militar faz ronda no local para inibir suas ações.

O material analisado foi gentilmente cedido pela professora de língua portuguesa da referida turma. Os textos utilizados foram elaborados a partir das aulas de produção textual, em que os alunos são levados a produzir resumos de livros literários e relatos de palestras apresentadas à turma, como forma de avaliação. As produções textuais são uma forma de avaliar a produção escrita e também uma forma de incentivar os alunos a ler e a escrever.

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erros. (ANTUNES, 2007, p. 23)

Vivemos na era digital, em que tudo é acessível e dinâmico; essa dinamicidade faz com que as pessoas não tenham interesse em pegar um livro e a ficarem horas lendo, seria perder tempo, enquanto que a internet possibilita o mesmo conhecimento, porém com mais rapidez e mais atrativo. Como fazer compreender que ficar sentado horas estudando é o melhor a fazer, quando há um mundo de atrações lá fora – a sociedade do consumo desenfreado, no qual as pessoas valorizam mais o ter do que o ser.

3. O livro didático adotado pela escola e a pontuação

A coleção adotada pela escola onde se deu a pesquisa é *Jornadas. port.*, de Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho, Editora Saraiva, 2012 – do 6º ao 9º ano. Em cada livro, a pontuação é abordada em seções intituladas “Fique atento... à pontuação”.



No livro do 6º ano percebemos um enfoque maior sobre a pontuação na frase, pois encontramos o seguinte conceito:

Como você já sabe, a fala e a escrita são dois modos diferentes de usar a língua, cada um com suas características.

Na fala, a forma de pronunciar a frase, ou seja, sua entonação, geralmente já indica a intenção do falante: perguntar, afirmar, ordenar, pedir alguma coisa, tentar convencer, expressar um sentimento. Caso haja desentendimentos, as pessoas podem esclarecer suas dúvidas diretamente uma com a outra.

Na escrita, autor e leitor não estão juntos presentemente, o que pode ocasionar dúvidas. Para evitar dificuldades de compreensão, a escrita dispõe de vários recursos, dentre eles a pontuação, usada para criar sentidos e exprimir intenções (p. 63).

Em seguida, é apresentado aos alunos um quadro com os tipos de frase e com a pontuação usada no final de cada uma delas.

Frase	Intenção	Sinal de pontuação no final da frase	Tipo de frase
O filme já começou.	Declarar, afirmar, negar, informar algo	Ponto final	Frase declarativa afirmativa
O filme ainda não começou.		Ponto final	Frase negativa
O filme já começou?	Perguntar	Ponto interrogação	Frase interrogativa
O filme já começou!	Exclamar	Ponto de exclamação	Frase exclamativa
Entre logo!	Ordenar, instruir, aconselhar, proibir	Ponto de exclamação	Frase imperativa
Diga onde jogou		Ponto de final	Frase imperativa

o prato.			
----------	--	--	--

Logo após, apresenta uma atividade com intenção de se trabalhar os conceitos acima:

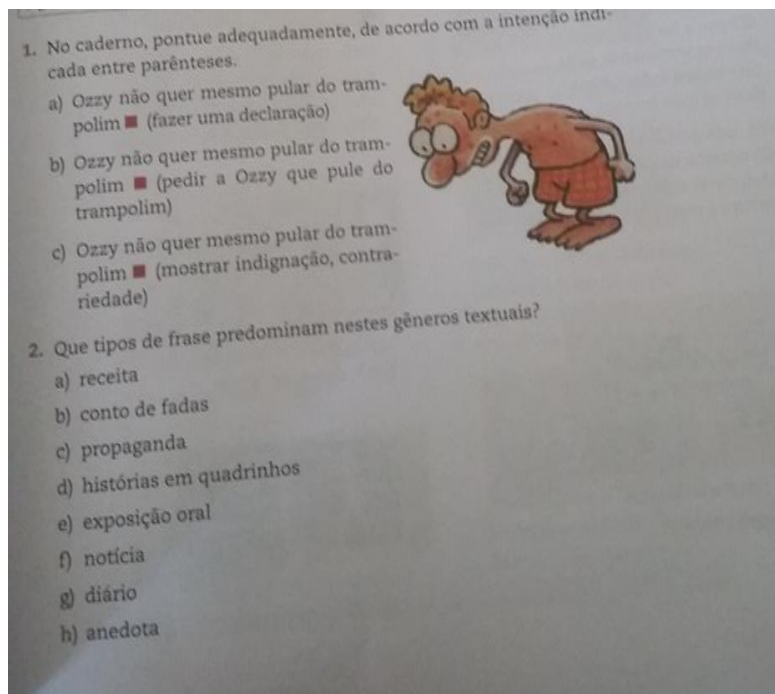


Imagem do livro didático

Os exercícios são vagos e não levam o aluno a aprofundar os conceitos. A questão de número dois leva a crer que os alunos já tenham conhecimento dos gêneros textuais mencionados no exercício; porém, nós sabemos que, em se tratando de uma turma de 6º ano, isso é bem difícil de acontecer, levando em consideração uma turma que passa por uma mudança de nível de série/ano.

Ainda no livro do sexto ano, na p. 115, são apresentados usos da vírgula, “usamos a vírgula para organizar os elementos de uma enumeração, separando-os uns dos outros. É comum as enumerações serem precedidas de dois pontos”.

O livro traz também conceito sobre as reticências:

As reticências podem marcar uma suspensão da sequência da frase, indicando que o assunto pode continuar. São empregadas também para indicar interrupção da fala, hesitação ou para deixar a tarefa de completar o sentido da frase para o interlocutor (p. 116).

Passando para o final do livro, na p. 301, há um breve conceito sobre pontuação a respeito dos advérbios, em que é enfatizado o uso da vírgula.

No livro do 7º ano (p. 280), na seção “Fique atento... à pontuação”, há um brevíssimo relato sobre o uso de vírgula: “Não há vírgula entre um verbo e seu complemento”. Esse conjunto de relatos sucintos é, no decorrer do livro, todo o enfoque dado à pontuação.

Já no livro do 8º ano, na unidade 3, p. 107 - seção “Fique atento... à pontuação”, há o seguinte relato, no tocante à oração com predicativo:

Não há vírgula entre o sujeito e o predicativo quando esses termos estão na ordem direta, ou seja, quando o predicativo vem depois do sujeito. Há vírgula entre o sujeito e o predicativo quando esses termos não estão na ordem direta, ou seja, quando o predicativo aparece antes do sujeito.

Na unidade 4, p. 155 – seção “Fique atento... à pontuação”, em relação ao adjunto adverbial, encontramos a seguinte afirmação: “Adjuntos adverbiais podem ser empregados no início, no meio ou no final de uma oração. Quando deslocado de sua posição regular, na ordem direta da oração, o adjunto adverbial é separado dos demais termos por *vírgula*”.

A unidade 6, p. 222, faz referência ao uso do travessão; porém, não encontramos nenhum conceito, apenas trechos de “mensagem na garrafa”.

Ao final do livro, na unidade 8, p. 307 – seção “Fique atento ... ao uso dos dois pontos e do ponto e vírgula”, encontramos o seguinte:

“Os *dois-pontos* podem ser usados para antecipar uma enumeração, introduzir a explicação de um termo ou de uma expressão anterior e introduzir a fala de uma personagem”. Já em relação do ponto e vírgula, “pode ser usado para separar os itens de uma enumeração em que já existam vírgulas. Em documentos oficiais, como estatutos, separa os itens de um artigo”.

E, finalmente, chegamos ao livro do 9º ano, que é o objeto desse estudo; da mesma forma que nos livros anteriores, no decorrer do livro, na seção “Fique atento”, encontramos explicações sobre a pontuação, considerações relacionadas às orações coordenadas e subordinadas, o que

pode ser exemplificado da seguinte forma, em relação aos processos coordenativos, p. 74, seção “Fique atento... à pontuação nas orações coordenadas”:

- A **vírgula** pode separar orações coordenadas sem conjunção (assindéticas) e orações coordenadas iniciadas por conjunção (sindéticas).
- O **ponto e vírgula** pode separar uma oração coordenada que estabeleça relação de conclusão com anterior ou uma enumeração de orações coordenadas longas ou com sujeitos diferentes.
- Os **dois-pontos** podem separar uma oração coordenada assindética que estabeleça relação de explicação com a oração anterior.

Já no que toca aos processos subordinativos, na p. 111 – seção “Fique atento... à pontuação nas orações subordinadas substantivas”, encontramos o que segue:

- Não se separa por vírgula a oração principal de suas subordinadas substantivas subjetiva, objetiva, completiva nominal e predicativa.
- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por dois-pontos, assim como pode ocorrer com o aposto. Às vezes, pode-se usar a vírgula ou o travessão.

Em relação às subordinadas adverbiais, na p. 148, seção “Fique atento... à pontuação dos períodos com orações adverbiais”, podemos ler o que segue:

- Usa-se a vírgula sempre que a oração subordinada adverbial estiver antes da oração principal.
- As orações subordinadas adverbiais intercaladas no período devem ser separadas por vírgulas.

Conceitos considerados complexos, uma vez que as orações coordenadas e subordinadas são conteúdos de difícil assimilação por parte dos alunos; por esse motivo, muitos professores adiam a inserção desses conteúdos; noutras vezes, esses tópicos são repassados de forma superficial, o que não deveria ocorrer devido à relevância do conteúdo para os anos seguintes.

Essa breve análise dos quatro livros, *Jornadas.port* – 6º ao 9º, fez-se necessária para termos uma ideia de como está sendo trabalhado o tópico relacionado à pontuação nos quatro anos do Ensino fundamental II; e se, realmente, os alunos possuem habilidades suficientes ao chegar ao último ano (9º), produzindo textos com a utilização da pontuação de forma correta, e tendo consciência de seu devido uso.

4. Seção teórica

A língua escrita não dispõe dos enumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstruir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da *pontuação*. (CUNHA, 2013)

Na *Gramática do Português Contemporâneo*, Celso Cunha classifica os sinais de pontuação em dois grupos. O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as pausas, que são:

- a vírgula (,);
- o ponto (.);
- o ponto e vírgula (;).

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a melodia, a entonação:

- os dois pontos (:);
- o ponto de interrogação (?);
- o ponto de exclamação (!);
- as reticências (...);
- as aspas (" ");
- os parênteses (());
- os colchetes ([]);
- o travessão (–).

Na oralidade existem diferentes maneiras de modificação do sentido, em que o locutor é capaz de interagir com seu interlocutor perfeitamente, como as pausas, a mudança de tom de voz; porém, na escrita, esses recursos são restritos, cabendo aos sinais de pontuação esse papel – saber usá-los corretamente é primordial. Já nos deparamos com diversas situações em que o emprego equivocado da pontuação criou situações incômodas. Veja um exemplo usado por Evanildo Bechara (2010):

- *Não podem atirar!*
- *Não, podem atirar!*

Percebam que há diferença nas ordens de comando acima: na primeira frase percebemos que a ordem é de proibição; já na segunda, a

ordem é de permissão. Exemplos como esses são comumente encontrados nos textos escolares.

Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos. (BECHARA, 2009, p. 606)

Em muitas oportunidades, esses conceitos são passados nas escolas superficialmente; não dando a devida importância ao assunto, os conceitos estão dissociados do texto, frases soltas que não fazem sentido aos alunos, em seguida é realizada a atividade proposta pelo livro didático. Não há interesse em aprofundar o assunto, precisamos ir além dos livros didáticos; precisamos buscar mais exercícios que priorizem a pontuação, fazer com que o aluno se interesse pelo conteúdo, que ele perceba a importância da pontuação nas produções escritas, na vida. Que aluno possa olhar para a pontuação como um objeto mais complexo que um simples conjunto de regras que se aplica com critérios do tipo certo ou errado.

5. Análise de texto e encaminhamento

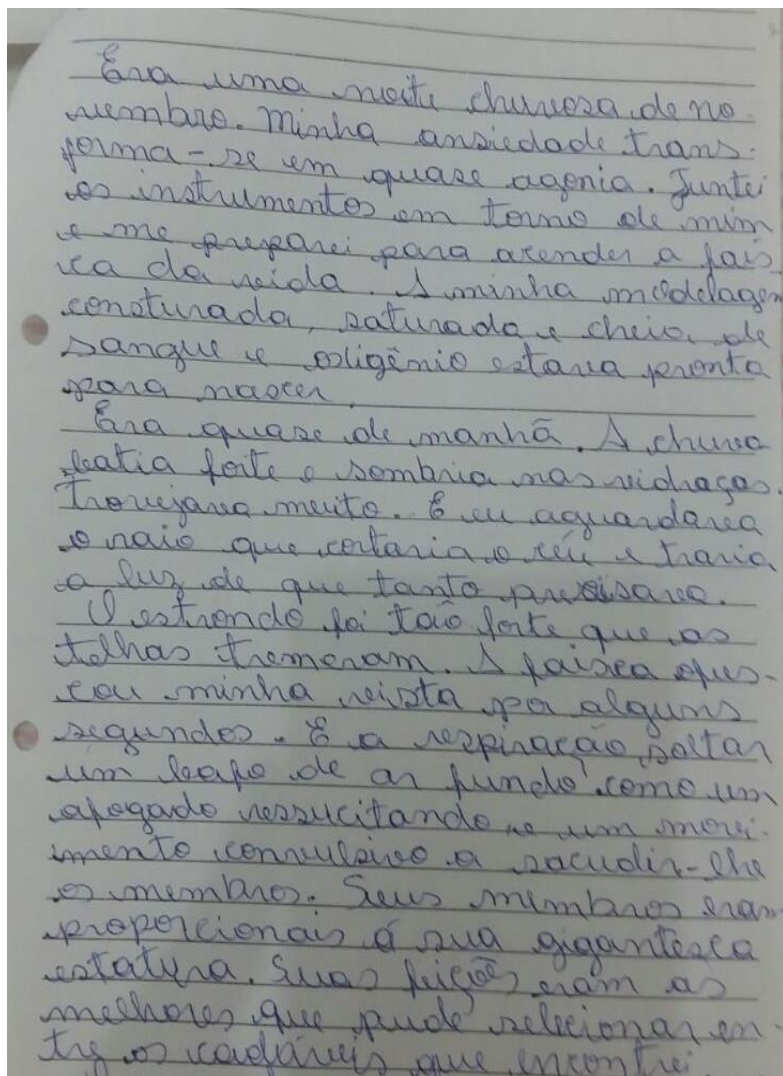
Na análise do texto observamos que os alunos, em suas produções, fazem somente uso da vírgula e do ponto, sinais caracterizados como marcadores de pausas. Dentre as produções textuais, destacamos as que tiveram maior recorrência da pontuação. Para a análise recorreremos aos conceitos de Evanildo Bechara (2009).

A pontuação é essencial para o entendimento de um texto, porém é comum encontrarmos em textos escolares excessos de pontuação ou falta dela; no texto transcrito abaixo, verificamos que há somente duas vírgulas, e os demais pontos empregados, são os pontos seguidos ou pontos parágrafos. (Cf. **Texto 1**)

Percebemos no decorrer do texto o excesso do ponto e falta de outros sinais de pontuação cabíveis em algumas situações, como por exemplo na frase: “Era uma noite chuvosa de novembro. Minha ansiedade transforma-se em quase agonia”. Poderia perfeitamente ter usado a vírgula ao invés do ponto, pois o período se prende ao mesmo centro de interesse, ou ainda ter usado a conjunção coordenativa e que liga orações independentes: “Era uma noite chuvosa de novembro, minha ansiedade transforma-se em quase agonia”. / “Era uma noite chuvosa de novembro e minha ansiedade transforma-se em quase agonia”. Em muitas outras

passagens do texto ocorrem casos semelhantes.

Texto 1:



Éra uma noite chueusa de no-
sumbas. Minha ansiedade trans-
forma-se em quase agonia. Juntei
os instrumentos em torno de mim
e me preparei para acender a faís-
ca da vida. A minha modelagem
constituída, saturada e cheia de
sangue e oxigênio estava pronta
para nascer.

Éra quase de manhã. A chuva
batia forte e sombria nas vidraças.
Trovejara muito. E eu aguardava
o raio que certaria o céu e traria
a luz de que tanto precisava.

O estrondo foi tão forte que as
telhas tremeram. A faísca que-
ceu minha vista por alguns
segundos. E a respiração saltou
um bofo de ar fundo como um
afogado ressuscitando e um movi-
mento convulsivo a sacudiu-lhe
os membros. Seus membros eram
proporcionais à sua gigantesca
estatura. Suas mãos eram as
melhores que pude selecionar en-
tre os cadáveres que encontrei.

No decorrer da análise é possível perceber que os alunos têm consciência da importância da pontuação em seus textos; porém, o que falta é saber empregá-la corretamente – mais importante do que classificar as frases de acordo com a pontuação empregada é refletir sobre as intenções dos usuários nas diversas situações de interação, de modo a ser capaz de empregar os sinais de pontuação, bem como de associá-los as tais intenções, buscando sempre construir sentido.

6. Considerações finais

A pontuação há muito vem sendo ensinada através de regras gramaticais, de forma descontextualizada, um exemplo claro disso é o próprio livro didático trabalhado na escola, que traz a pontuação sempre com uma regra gramatical e com outro conteúdo complexo que por si só se torna difícil assimilação por parte dos alunos, que muitas vezes se atentam em aprender o outro conteúdo por acreditarem ser mais importante, não dando a devida importância à pontuação. Tudo isso torna o assunto desinteressante e prescritivo-normativo. Cabe ao professor oferecer aos alunos a possibilidade de observar o valor da pontuação dentro de enunciados linguísticos, fazer comparações com outras formas de pontuar e avaliar os efeitos de significado que as diferentes maneiras podem conferir a um mesmo enunciado.

É de suma importância o tratamento dado a pontuação nas aulas de língua portuguesa, de modo a contribuir para que os aprendizes reconheçam e utilizem adequadamente os sinais, levando em conta os mais diversos contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. E atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Organização: Cilene da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre: L&PM, 2013.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. *Jornadas.port: língua portuguesa 6º ao 9º ano*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

IRANDÉ, Antunes. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

LOPES, Karolina. *Minimanual de gramática*. São Paulo: DCL, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* 4. ed., 2 reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.